

Comunicação e Esporte: Anotações

Entrevista com Luciano Victor Barros Maluly

O jornalista, pesquisador e professor Luciano Victor Barros Maluly <<http://lattes.cnpq.br/8327819994771588>> possui graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), com Mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), com pesquisas em jornalismo esportivo. Também fez Pós-doutorado pela Universidade do Ninho (Uminho), em Portugal, estudando o radiojornalismo.

É docente e pesquisador do Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), além de Líder do Alterjor – Grupo de Pesquisa em Jornalismo Popular e Alternativo e editor da Revista Alterjor. É autor dos livros *O ensino do radiojornalismo: experiências luso-brasileiras* (2013) e *Jornalismo: a democracia do rádio* (2010), entre outros. Atua como professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, com experiência na área de Comunicação, com ênfase em radiojornalismo e jornalismo esportivo.

Pautada por uma perspectiva contemporânea, o pesquisador foi convidado a debater sobre a temática comunicação esportiva mediante a realidade brasileira. Luciano Maluly, então, adentra a diferentes campos da comunicação e da cultura que envolvem o futebol, o lazer, a saúde e a vida. Preocupado com a qualidade da cobertura jornalística, em especial no esporte, Maluly indica que um olhar alternativo auxilia na possibilidade de ressignificar as diretrizes da informação no mercado, sobretudo na condição profissional dos veículos de comunicação. Diante dessas variáveis, o professor e jornalista oferece ao/à leitor/a a oportunidade de refletir sobre as estratégias de mediação que surgem no âmbito das dinâmicas esportivas e comunicacionais. No fundo, seu posicionamento crítico e provocador compreende a solidariedade para com o/a outro/a, quando sua discussão aponta para o viver com saúde: o que indica deleite.

Entrevista realizada por Wilton Garcia

Programa de mestrado em comunicação e cultura da universidade de Sorocaba (UNISO). São Paulo. SP. Brasil. Contato com o autor: wilton.garcia@prof.uniso.br



Tríade: Se a prática esportiva tornou-se um fenômeno de consumo na sociedade contemporânea, como refletir sobre a esfera midiática nesse contexto, em especial no Brasil?

Luciano Maluly: Vamos pensar que a cobertura esportiva – das transmissões dos eventos aos noticiários – está vinculada ao consumo por causa, simplesmente, da divulgação/promoção de eventos. Todavia, alguns assuntos relacionados às práticas esportivas e atividades físicas – e que são de interesse público – são esquecidos nessa cobertura. Um exemplo é a pauta sobre ciclovias, fato que poderá decidir as próximas eleições em algumas cidades brasileiras, principalmente em São Paulo. O debate em torno da modalidade ciclismo parece ser inexistente na condição de cidadania. Ou seja, discussão é social, política, cultural e não apenas esportiva. Em síntese, o consumo das mensagens esportivas está limitado ao esporte de alto-rendimento/competição. Há uma necessidade – urgente – de ampliar a agenda esportiva, por meio do estímulo às práticas esportivas e atividades físicas, além da promoção de debates sobre os impactos sociais do esporte.

Tríade: A pesquisa brasileira a respeito de comunicação e esporte, em particular o tema jornalismo esportivo, configura diversos referenciais teóricos e metodológicos. De que modo deve-se investir nessa relação como produção de conhecimento e subjetividade?

Luciano Maluly: Seguindo a ideia da resposta anterior, a pesquisa em comunicação e esporte vai muito além das atuais preocupações dos teóricos, como as competições, em particular a do futebol, e os megaeventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo do Futebol. Pesquisas sobre comunicação e esporte revelam aspectos sobre a saúde, a educação, a segurança pública, o urbanismo, o turismo e o lazer, entre outros movimentos necessários ao cotidiano. O jornalismo esportivo é reflexo desse momento e, por isso, alguns pesquisadores estão preocupados com questões fora de campo como, por exemplo, o estímulo à prática esportiva e às atividades físicas. Isso indica uma ampliação dos estudos em comunicação e esporte, com a perspectiva de mudança no comportamento dos profissionais e acadêmicos. Em breve, os noticiários esportivos também possibilitarão, ao público, aprender uma determinada atividade física ou mesmo a discutir temas de interesse público relacionados



Luciano Victor Barros Maluly

ao esporte. Um exemplo seria o programa de rádio *Hora da Ginástica* (CARVALHO, 1994), que estimulava o exercício físico aos ouvintes.

Tríade: Para além do marketing esportivo, há uma proposta intensa do mercado-mídia que ambienta arte e esporte como estratégia discursiva. Como pensar sobre esse tipo de questão que tenta (re)dimensionar o lugar do esporte no cotidiano do sujeito contemporâneo?

Luciano Maluly: Fui entrevistar o técnico de futebol Telê Santana em Belo Horizonte, em 1996, para minha pesquisa de Mestrado, que discutia a defesa do *futebol-arte* pelos jornalistas brasileiros. Telê defendia que a violência no esporte era reflexo das atitudes dos profissionais dentro de campo. A relação entre a arte e o esporte se determina por uma filosofia que alia o corpo e a alma e, é por isso, que muitos intelectuais, artistas e cidadãos associam suas criações ao esporte e às atividade física. Já outros, preferem associar o esporte à competição, como espelho do cotidiano do sujeito contemporâneo. Dessa maneira, os caminhos do esporte podem também ser determinados pelos comunicadores, com uns a escolher atalhos que os levam ao espetáculo e outros a seguir as vielas da violência. O gosto do público depende da seleção dessas opções de estratégia discursiva, como bem observou o professor Wilson da Costa Bueno (2005), no excelente artigo *Chutando pra fora*.

Tríade: Sua pesquisa de mestrado destaca a expressão *futebol-arte*, tendo como principal referência o técnico Telê Santana. Já o doutorado apontou o *dopping* no esporte. E há sua recente pesquisa tematiza as olimpíadas. De que maneira essa trajetória de professor, pesquisador foi sendo construída?

Luciano Maluly: Principalmente pelo amor que tenho pela prática esportiva e pela atividade física, fatores ainda primordiais no meu desenvolvimento como pessoa. Procuro defender que o jornalismo esportivo é um meio de combate à violência e às drogas, de preservação da saúde, de estímulo à educação e à amizade, de desenvolvimento das cidades, do lazer e do turismo (como discute a Professora Doutora Clarissa Maria Rosa Gagliardi, docente e pesquisadora do curso de Turismo da ECA-USP) e assim por diante. Defendo que



Comunicação e esporte: anotações

as pessoas têm o direito a conhecer outras modalidades e fazer do esporte uma filosofia, que as auxilie a ultrapassar os obstáculos da vida. Dessa maneira, está sendo possível construir um espaço de discussão na Universidade de São Paulo para além da pauta dos grandes eventos esportivos (GAGLIARDI; CARVALHO, 2015). Por meio da oferta de atividades de ensino, pesquisa e extensão, pessoas amantes e defensoras do esporte como direito fundamental do cidadão tem agora um lugar em que possam viabilizar suas ideias e projetos.

Tríade: Direitos Humanos e diversidade cultural são temas emergentes na agenda de debates da universidade brasileira. Como investigar sobre comunicação e esporte, ao envolver classe social, etnia-raça, identidade sexual e de gênero, religião entre outros?

Luciano Maluly: Veja só: os arcos olímpicos também podem ser associados, por exemplo, à defesa da diversidade sexual, como a bandeira com as cores do arco-íris. Os Direitos Humanos estão associados ao esporte e ao jornalismo quando não existe o monopólio de algumas modalidades, eventos ou interesses. A cobertura esportiva é séria quando divulga (e, principalmente, quando transmite, no caso da Televisão, do Rádio e da Internet) as demais modalidades, as atividades físicas e outros debates ao conhecimento do público, como as notícias recentes sobre o racismo e o preconceito no esporte. Ou seja, o jogo ultrapassa as quatro linhas. Isso demonstra que é possível o convívio entre os diferentes, assim como acontece nas competições. Sempre lembro de uma frase de Karl Popper (1981, p. 4) diante da discussão entre utopia e violência: “Estou perfeitamente seguro de que tenho razão; mas posso enganar-me e podes ter razão tu. Em qualquer dos casos, vamos conversar racionalmente, pois assim nos aproximamos mais da verdade, do que se cada um persistir no seu ponto de vista”.

Tríade: A experiência interdisciplinar (re)inscreve uma dinâmica plural que associa publicidade, jornalismo, televisão, cinema, rádio e fotografia, entre outros, para refletir sobre o esporte na atualidade. O que isso modifica no âmbito da cultura digital, especificamente com a internet e as redes sociais?



Luciano Victor Barros Maluly

Luciano Maluly: Modifica muito devido ao registro e às transmissões, mas o problema não está no meio, mas sim na mensagem. O digital proporciona uma ampliação dos canais de acesso, mas as empresas de comunicação precisam ampliar a cobertura esportiva, transmitindo competições das diversas modalidades, ao discutir outros assuntos de interesse público, inclusive relacionando a pauta esportiva à educação, à saúde, ao lazer e ao turismo etc. Hoje, grandes grupos – clubes esportivos, empresas de marketing, redes de televisão, entre outras instituições ligadas ao esporte – dominam as transmissões de futebol no Brasil e na Europa, além dos esportes com grande público nos Estados Unidos e, também, na Europa. Essas empresas discutem a terrível política esportiva no Brasil, principalmente o descaso com nossos atletas, mas prefere transmitir o campeonato universitário norte-americano de basquete do que o campeonato universitário brasileiro de basquete, por exemplo. Quem são nossos ídolos? Quem é o campeão paulista de Tênis de Mesa, de Pólo Aquático etc.? Nossos heróis precisam estar próximos da população, assim como fazem os profissionais de educação física, revelando que o esporte é um “valor” que fica para o resto da vida. *Esporte é saúde! Esporte é lazer! Esporte é educação!* são bandeiras que você aprende; que você aprende na escola, em casa ou na brincadeira no terreno vazio.

Tríade: A violência entre as torcidas de futebol cria uma situação de desconforto e insegurança. No entanto, a cobertura jornalística absorve parte desses acontecimentos como notícia a ser veiculada. Diante disso, como pensar, eticamente, a respeito da prática profissional do jornalismo?

Luciano Maluly: As empresas de comunicação, em especial os jornalistas, precisam se aproximar das instituições esportivas (federações, confederações, sindicatos etc.) e das universidades. Com isso, seria possível a cobertura das diversas modalidades, além do estímulo à educação física. Da mesma forma, o debate em torno de questões (como a violência física e moral) geraria ações governamentais e, também, privadas. Pensar o jornalismo esportivo apenas como competição é perigoso, tornando-o espelho de uma sociedade competitiva, sem limites. Contudo, se a mensagem esportiva estiver associada a certos valores (olímpicos e do esporte), entre eles, a amizade, o respeito e a excelência, o



jornalismo pode alcançar um dos seus principais objetivos: a preservação da vida (e nada melhor do que esporte que explica o velho ditado popular: “o mais importante é estar com saúde”).

Referências

BUENO, W. C. “Chutando prá fora”. In: MARQUES, J. C.; CARVALHO TOLEDO, V. R. & CARVALHO, S. (Orgs) **Comunicação e esporte: tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005 p. 13-27.

CARVALHO, S. **Hora da ginástica: resgate da obra do professor Oswaldo Diniz Magalhães**. Santa Maria: UFSM, 1994.

GAGLIARDI, C.; CARVALHO, M. (orgs.) **Megaprojetos, megaeventos, megalópole: a produção de uma nova centralidade em São Paulo**. SP: Olho D’Água, 2015. Disponível em: http://web.observatoriodasmetrololes.net/new/images/abook_file/megaeventos_saopaulo2015.pdf

POPPER, K. **O racionalismo crítico na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.